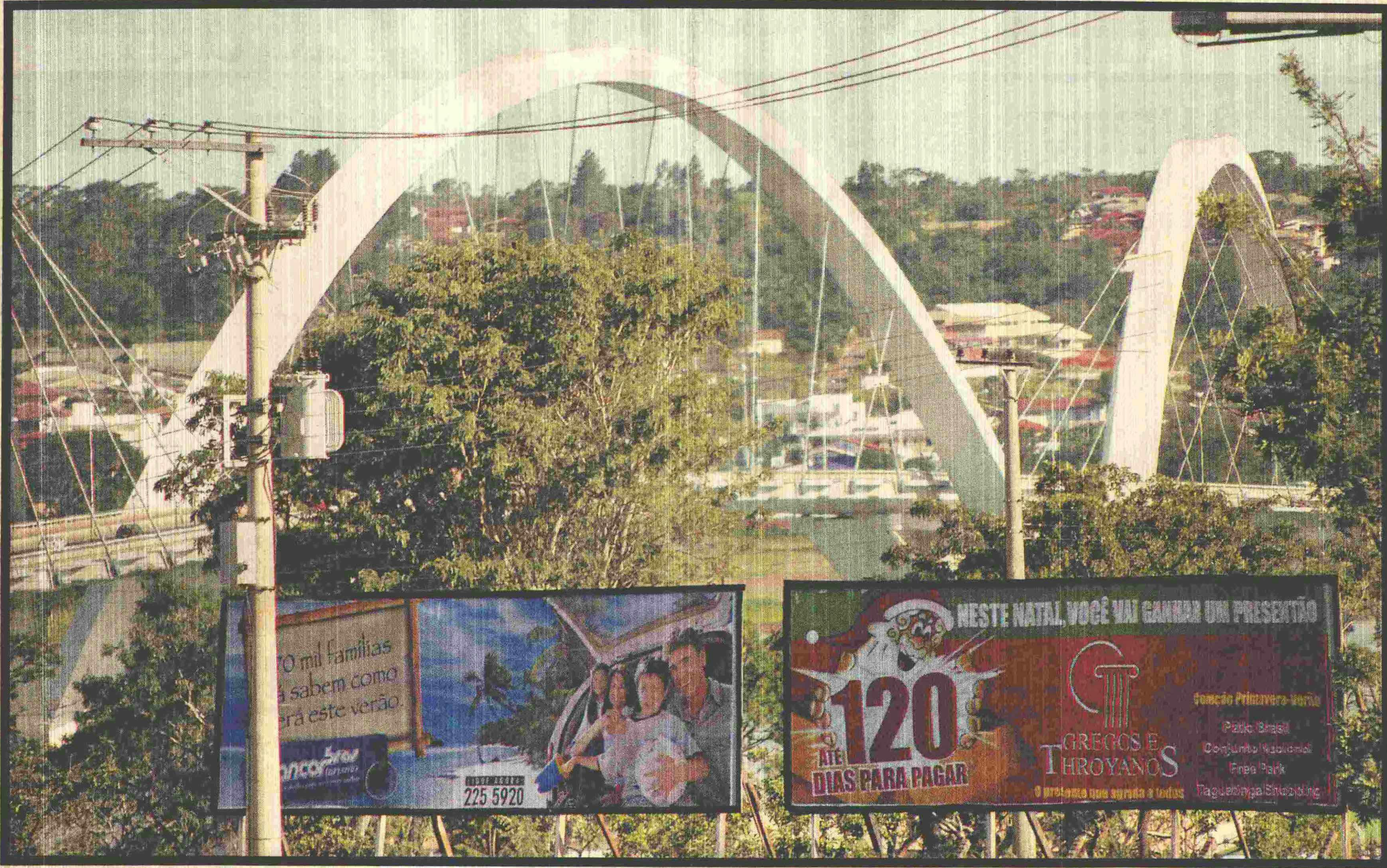


TOMBAMENTO

Especialistas em preservação do patrimônio alertam que o plano original de Brasília é descaracterizado aos poucos com a invasão de áreas públicas, especulação imobiliária e o sétimo andar nas superquadras

Fotos: Marcelo Ferreira/CB



OUTDOORS NO SETOR DE CLUBES ESPORTIVOS SUL. O PROFESSOR DA UnB FREDERICO FLÓSCULO AVALIA QUE A PUBLICIDADE NA ÁREA TOMBADA É A MAIOR AGRESSÃO AO TOMBAMENTO: "BRASÍLIA ESTÁ FICANDO TOTALMENTE POLUÍDA"

Agressões por todos os lados

ALINE FONSECA E
CAROLINA CARABALLO
DA EQUIPE DO CORREIO

Considerada especial e moderna, a cidade criada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer não conseguiu escapar das agressões. O tombamento não salvou Brasília dos males das grandes capitais. A descaracterização do plano original é aparente: invasão de áreas públicas, publicidade exagerada, especulação imobiliária, o sétimo pavimento que desponta nas superquadras.

Nos prédios mais novos da Asa Norte e do Sudoeste, o sétimo andar está disfarçado de cobertura coletiva. Mas no plano de Lucio Costa, os edifícios das superquadras têm apenas seis andares, para que os moradores possam ver o céu e o horizonte de qualquer lugar onde se encontrem. "Para mim, a pior agressão é o sétimo andar, ela prejudica a célula-mestra do projeto de Brasília, que é a superquadra", afirma o arquiteto Carlos Magalhães, representante do escritório de Oscar Niemeyer na capital. Ele e Niemeyer têm ação na Justiça contra as construtoras que implantaram a cobertura coletiva.

Já a publicidade excessiva é a agressão mais contundente. A área tombada está lotada de *outdoors* e *frontlights*. Na Ponte JK, inaugurada há dois anos, a vista já está comprometida. No pista de acesso à ponte, no Setor de Clubes Esportivos Sul, é difícil ver os arcos, característica do monumento mais recente da cidade. No mês passado, uma empresa de publicidade conseguiu uma liminar que garantiu a permanência de 18 *frontlights* na área tombada.

"Das agressões, a mais corruptora é a propaganda. Chega a ser cruel em termos de desrespeito, porque Brasília está ficando totalmente poluída", opina o arquiteto e professor da Universidade de Brasília (UnB) Frederico Flósculo Pinheiro. "Isso desanima as pessoas, torna a cidade cafona", acrescenta.

Para Carlos Magalhães, o que

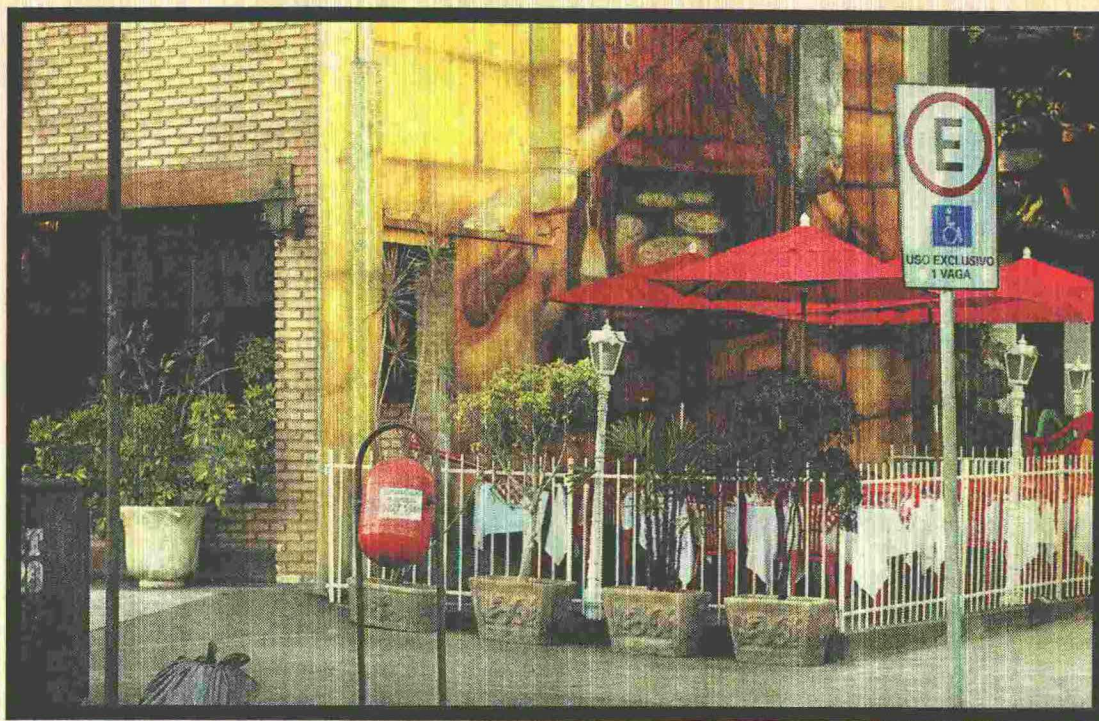
ainda mantém o traço original de Brasília é o selo da Unesco. "Se não fosse isso, já estaria totalmente descaracterizada", indigna-se o arquiteto. Magalhães ajudou a preparar o decreto local de tombamento, durante o governo de José Aparecido de Oliveira. "Tem que se definir o que é privado e o que é público. É só então estabelecer regras claras para a ocupação, enquanto isso não acontecer, vai haver desrespeito", afirma.

Até o fim do ano, Carlos Magalhães pretende inaugurar um instituto em defesa da cidade, o Preserva Brasília. "Vamos propor soluções e entrar com ações na Justiça, se for preciso", diz. "As irregularidades têm de ser retiradas e não flexibilizadas", acredita o arquiteto, que propõe não implantar o Setor Noroeste, previsto por Lucio Costa em 1987. "Brasília não comporta mais um novo bairro, não tem estrutura para isso."

Preservação nas escolas

Quando Brasília recebeu o título da Unesco, foram feitas críticas de que era muito cedo para o tombamento porque se acreditava que a cidade ainda não estava consolidada. Dezesete anos depois, o setor empresarial reclama que a capital ficou engessada. "A cidade não foi preparada para o tombamento, houve algumas distorções. É louvável que Brasília tenha tido esse reconhecimento tão cedo, mas com o passar do tempo, as descaracterizações ficam mais difíceis de serem resolvidas", afirma o presidente da Federação de Comércio do DF, Adelmir Santana.

As soluções para manter Brasília preservada começam com a conscientização e participação da sociedade. Há uma discussão no governo local para se incluir uma disciplina sobre a preservação da cidade nas escolas públicas do DF. "A minha visão pessoal é de que há cada vez mais um fator de consciência da diferença que é morar em Brasília", diz o secretário de Cultura e integrante do Conselho de Gestão da Área de Pre-



PUXADINHO NA COMERCIAL DA 405 SUL: DISTRITAIS REGULARIZARAM A INVASÃO DE ÁREA PÚBLICA EM 1998

BRASÍLIA DESRESPEITADA

Puxadinhos

O avanço das lojas nas entrequadras comerciais em área pública, os *puxadinhos*, foi regularizado por lei distrital, em 1998, apesar de questionado pelo Iphan.

Sétimo andar

Lucio Costa previu seis andares para os prédios das superquadras para que o horizonte e o céu não fossem perdidos de vista. Na Asa Norte e no Sudoeste, os edifícios começam a ter a cobertura coletiva, uma espécie de sétimo andar.

Diminuição da área verde nas superquadras

O plano original de Brasília também prevê uma área verde de 85% nas superquadras. As novas quadras, principalmente no Sudoeste, têm apenas 15%. As garagens foram aumentadas e não há como colocar vegetação arbórea.

Área pública transformada em estacionamento

Os espaços vazios e verdes (ou escala bucólica de Brasília) começam a ser ocupados por estacionamentos irregulares.

Publicidade

A área tombada foi invadida por *outdoors* e *frontlights*, poluindo visualmente a capital federal, inclusive na Esplanada dos Ministérios.

W3

A avenida comercial mais conhecida da cidade espera há pelo menos três anos por uma revitalização.

Orla do lago

No plano original, a orla do Paranoá seria ocupada apenas por hotéis e clubes. O restante ficaria como acesso livre à população.

W3 deixada de lado

Sempre que podem, as amigas Adriana Duarte e Marcella Borges, ambas de 17 anos — mesma idade do tombamento de Brasília —, evitam fazer compras na W3 Sul. Não gostam de andar pelas calçadas arrebentadas, cheias de paredes picadas e várias lojas por alugar, com vidros quebrados e sujeira. Só frequentam a avenida quando procuram artigos para festas, produto farto na região. Elas preferem bater pernas nos shoppings.

As duas reclamam da falta de respeito à preservação da característica de Brasília. "Existem *outdoors* espalhados por toda a cidade, falta estacionamento em tudo o que é lugar, um monte de restaurantes invade a área verde. Nem parece que é uma cidade tombada", conta Adriana.

Quem acompanha as problemáticas do tombamento há tempos também reclama. Para o vice-presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Ricardo Pires, a beleza do tombamento não sai do papel. "Todos defendem o título. Mas, tanto moradores e comerciantes quanto o governo não cumprem as regras previstas para uma cidade que é patrimônio da humanidade", afirma.

De acordo com Pires, a W3 Sul é um dos bons exemplos de descaso do Poder Público com a preservação da cidade. Para ele, Brasília está enferma. "Quando até a Justiça dá direito adquirido em cima da ilegalidade é porque já é hora de fazer alguma coisa", diz, referindo-se à liminar judicial que garantiu a permanência de 18 *outdoors* na área tombada.

servação de Brasília (Conpresb), Pedro Bório.

Bório tem uma visão otimista dos problemas com o tombamento. "Os mais incômodos não são os mais definitivos, como a desordem na área da

publicidade", observa o secretário.

Para o professor Frederico Flósculo, a gestão da cidade precisa mudar e a comunidade brasiliense tem que participar das decisões de preservar a cidade.

"As prefeituras comunitárias deveriam receber dinheiro para atuarem no conserto dos problemas. Só assim tomariam consciência", acredita. "É preciso uma visão mais cidadã da conservação", diz Flósculo.